



Gaiato



Quinzenário

18 de Maio de 1991

Ano XLVIII — Nº 1231 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Vistas de dentro

- **Dia da Mãe! Que se terá passado no coração destes filhos?!**

Não se pode abafar a voz que chama pela mãe de dentro de cada um. Se anda perdida, não desapareceu o gosto, nem a necessidade de a ter.

Quem dera que todos pudessem estar junto da mãe! Porque se trata de um direito natural de toda a criança que vem a este mundo... Quem há-de responder ao apelo da mãe?

A mulher normal leva em sua pessoa a vocação de mãe. Ou a vive e é feliz com certeza; ou sofre a frustração de quem sabe o que é e tem para dar e não dá.

Vocação de mãe! Tanto mais sublime quanto mais a mulher descobre que o *ser mãe* está muito mais além da carne e do sangue. A dimensão espiritual do amor não tem limites.

Um pequeno escrevia à senhora a quem esteve ligado enquanto andava por lá: «Madrinha, eu mando-te aqui muitos beijinhos meus porque é o dia da mãe. Tu, madrinha, és como minha mãe. Espero que te sintas bem com esta minha carta».

Se a quem lhe deu tão pouco ele retribui com tamanha delicadeza... O que não fará a quem lhe der, agora, o seu coração de mulher e mãe!?

- **Oíço o roncar do tractor, do sítio donde escrevo.** Anda ocupado com a silagem da erva que há-de alimentar as vacas no Verão que está a chegar. Um dos nossos guia. Outros ajeitam a carga. E outros saltam de alegria pelo prazer que lhes dá o trabalho no que é seu.

Continua na página 4

«Centesimus Annus»

Não temos ainda conhecimento do texto da nova encíclica social que assinala, como o seu nome indica, o centenário da primeira, a «Rerum Novarum» de Leão XIII. Mas os títulos dos jornais em que é referida a sua publicação, se sublinham as preocupações de João Paulo II pelos problemas do mundo actual que se apresentam com uma face diferente dos de cem anos atrás, deixam, todavia, entrever que o grande problema persiste, não só desde há um século mas desde Caim e Abel: a dificuldade dos homens viverem como irmãos num mundo em que a justiça fosse a terra de cultura e a paz o fruto resultante, fundando assim uma sociedade que possa designar-se verdadeiramente de Família Humana. O desequilíbrio que afecta o homem desde as origens da Humanidade, tornou trágicamente constante e universal a imagem do homem «lobo do homem». E o Reino que Jesus Cristo veio implantar — «Reino de justiça, de amor e de paz; Reino de verdade e de vida; Reino de santidade e de graça» — não logrou ainda tornar-se a regra da convivência humana. E não pela falta do Dom de Deus, mas pela con-

múcia do comportamento dos homens!

O homem é a célula da sociedade. Mal-sã a célula, doente o corpo que por elas é constituído. A justiça social tem seu princípio da justiça individual. É necessário que o homem tome consciência e assumia os seus desequilíbrios e se não deixe vergar por um pensamento de fatalidade.

Jesus Cristo, que nos veio propor o Reino, oferece-Se também como remédio dos nossos desequilíbrios. Que nos diz S. João na sua primeira carta? «Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar e nos purificar de toda a maldade». Portanto, acrescenta o Apóstolo: «Escrevo-vos isto para que não pequeis. Mas se alguém pecar, nós temos Jesus Cristo, o Justo, como advogado junto do Pai. Ele é a vítima de propiciação pelos nossos pecados; e não somente pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro».

Onde a fatalidade, pois, se não no orgulho ou na inércia e cobardia do homem?! O Dom de Deus não falta. O que falta é da parte do

homem: o amor à Luz, o destemor da Luz que Deus é. Porque «n'Ele não há trevas», continua o Apóstolo. «E se caminhar-mos na luz, como Ele vive na luz, estamos em comunhão uns com os outros; e o Sangue de Jesus, Seu Filho, purifica-nos de todo o pecado».

O desequilíbrio que afecta o homem desde as origens da Humanidade, incapacita-o de por si só atingir a meta apontada pelo Apóstolo, o «estarmos em comunhão uns com os outros» que é característico do Reino de Deus; mas não é o maior estorvo. O verdadeiro estorvo está em não se assumir na sua condição real de portador de uma natureza ferida e não

buscar sinceramente, humildemente, o único remédio próprio para a sarar. Por Cristo, com Ele, n'Ele, a meta irá ficando ao seu alcance.

A Humildade é um querer fundamental. «Sem ela, nada», deixou-nos registada Pai Américo como primeira palavra de ordem.

Sem ela não se avança nem um passo. Firmado nela, ele foi avançando, obreiro do Reino, homem da justiça, do amor e da paz, da verdade e da vida, da santidade e da graça... apesar de «pecador de sete vezes ao dia».

Os santos são, como ninguém, homens sociais.

Padre Carlos

Cantinho das Senhoras

O NOSSO ENCONTRO

Estivemos três dias em Gouveia, numa casa onde o olhar se enche do verde da Natureza, esperança renovada em cada Primavera e nos alegra os horizontes pela vista ampla que permite.

O tempo ofereceu-nos uma mistura de sol, vento, chuva e neve. Como que querendo associar-se ao que se pretendia reflectir: vocação, Obra da Rua — necessidade de senhoras que amem a Obra e aqueles a quem serve.

O Padre Telmo falou do «tesouro escondido», no fundo, o anseio de cada um bem viver a sua vida, descobrindo e sendo fiel à sua vocação. Referiu-se depois à vocação específica da Mulher na Obra da Rua e suas exigências.

O Padre Manuel António falou da Pobreza; da Obra da Rua (árvore com diversos ramos, mas um tronco comum); de Padre Américo, especialmente da sua vivência da Fé na opção pela Pobreza.

Alegria, simplicidade, escuta, partilha, parecem-me ser as palavras que melhor traduzem o que se passou neste primeiro Encontro-convívio onde estivemos treze senhoras vindas do Norte ao Sul do País.

Cada uma acolheu e se sentiu acolhida. Partilhou: experiência, inquietações, canções, amor traduzido em pequenas atenções. E assim todos viemos enriquecidos. Foi esta a conclusão do Júlio (futuro Padre da Rua) — «vim para me enriquecer» — cuja preciosa colaboração foi música de fundo de todo o Encontro.

Agora, cabe a cada um e a todo o grupo cuidar as sementes que o Senhor quis plantar em nosso coração na Cidade-Jardim.

Teresa

TESOURO ESCONDIDO

Mesmo que seja noite ou denso o nevoeiro, vem ó mãe!
Teu coração vai encontrar nossos sorrisos solitários.
Esperamos ansiosos a carícia dos teus dedos e temos mil segredos para te contar...
Entra no campo pedregoso e ao abrires..., verás que somos dois grãozinhos de ouro dentro da arca do tesouro!

Padre Telmo



PELAS CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

No meio rural, os problemas dos mais pobres descambam, naturalmente, sobre os vicentinos, onde os haja, vocacionados para darem a mão, na medida do possível.

Infelizmente, vivemos uma época em que a solidariedade característica da *família rural* se vai diluindo; males comuns às urbanas, talvez por arrastamento. E alguns *sinistrados* são empurrados para as mãos... da comunidade.

Procuramos ser contra a maré: Numa ordem lógica de valores, compete à Família, podendo, ser o primeiro e melhor recurso dos seus Pobres.

Concretamente: Há pouco tempo, com vista à reparação duma moradia indispensável a uma pessoa solitária, sugerimos a cedência de materiais — mas que a mão d'obra seja de todos os seus parentes. Está num impasse!

Em casos pontuais, como é óbvio, falham a comunhão e solidariedade familiares!

PARTILHA — Onze contos, de Eugénio, por intermédio da Casa do Gaiato de Lisboa. Mais cinco, da assinante 29845, também da capital, com uma nota expressa: «*Não é necessário avisar que foi recebido*». Cumprimos.

Com «*um fraternal abraço*», o assinante 32986, do Porto, testemunha a grandeza da sua alma: «*Fiz uma despesa não de todo necessária, pelo que me pesa a consciência. Entendo que uma boa maneira de aliviar é enviar-vos um cheque destinado à Conferência*». Este mundo seria outro, se em todos os corações houvesse lugar para os Pobres!

O costume, do Fundão. Cheque, de Tortosendo, suplicando preces ao Senhor para alívio «*duma situação de saúde pouco boa*». Habitual remessa do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto).

Fecha a *procissão* a assinante 31104, cumprindo seus votos de há muitos anos e cheia de fé na Providência Divina: «*Que eu tenha força para sofrer o destino que me foi imposto e Deus pode modificar*». Fica nas Suas mãos!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

LAVOURA — Começaram a semear o cebolo.

O pomar até parece um jardim! Vale a pena observá-lo, calmamente. Bonito, reflecte alegria e beleza.

Um sector que, de há uns tempos para cá foi muito afectado, devido à peste, agora tem recuperado muito bem: as nossas porcas dão muitos leitões. E o nosso Padre Telmo trouxe

mais um porco oferecido pelo nosso amigo Luís Leirião.

ENXERTIA — Continua a enxertia para que a produção de vinho seja maior.

As videiras, na mata, estão pujantes.

CAMPO — O «Meno» e o seu grupo andaram atrefados com a silagem. Os campos ficaram limpos e prontos para a sementeira do milho.

EXCURSÕES — Com a Primavera começamos a receber muitas excursões, de todo o País. São camionetas, automóveis e muitos Amigos que vêm conhecer, mais de perto, a nossa Aldeia e os seus habitantes — que somos todos nós.

«Cebola»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Graças a Deus o célebre casarão vai finalmente ser demolido para, de lá, nascer um belo edifício destinado aos meios intelectuais.

Já foram entregues bonitas casas a várias famílias.

Durante alguns anos os nossos amigos ouviram contar as infelicidades vividas pelas quarenta e quatro famílias que nele «habitavam». Ninguém mais lembrará horas de verdadeira tragédia que ali se viveram. Nós, com certeza, não esqueceremos, pois foram vividas como se nossas fossem.

Que o Senhor ajude toda aquela gente a começar uma vida nova, pois continuaremos com eles no coração. Visto terem ido para bairros distantes, visitaremos outros irmãos.

As três senhoras que amparo, têm já uma idade avançada e, embora conformadas com a sua sorte, falam das necessidades, e tantas são, pois vivem da sua pequena reforma: 14.000\$00.

Uma delas tem, a seu cargo, um netinho de tenra idade já que os pais estão presos, cumprindo 14 anos de cadeia. Vive cada qual em seu quarto. Uma, tinha gasto bastante dinheiro em remédios e o que sobrou não chegava para pagar o aluguer: três contos por mês. A nossa ida salvou-a da enorme aflição.

Se não pagasse naquele dia, o último, nos próximos teria que dar o dobro: 6.000\$00. É assim que o senhorio actua.

Estas velhinhas precisam de nós; a nossa Conferência, graças a Deus e a vós, pôde pagar a renda e ajudar as outras nos remédios.

Campanha tenha o seu Pobre — Assinante 9394, 1.500\$00. Sempre pontual, a nossa amiga da Holanda manda 7.000\$00; Alexandre, 200 marcos e um postalzinho que, a dada altura, diz: «A Ressurreição de Cristo é a força do homem. Fazemos votos para que a Páscoa traga a todos os corações a alegria de Cristo Ressuscitado». Lisboa, para ajudar o casal Emílio e António, 6.000\$00.

M. Bernardete, 5.000\$00 e mais 20.000\$00 para o leite das gémeas. Por último, M. Joana, de Setúbal, 3.000\$00. Mais uma vez, bem haja.

Uma vicentina

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Aproveitámos a tarde de quarta-feira e a manhã de 25 de Abril para tratar das batatas no «olival dos poços», trabalho que concluímos no fim-de-semana.

Colocámos adubo, em todos os batatais. O grupo da erva anda, a pouco e pouco, a cortá-la, no «poço novo», para depois ser preparado para semear o milho.

PECUÁRIA — Um amigo, da Lentisqueira, veio trocar 4 vacas que estão para ter cria. No fim-de-semana matámos alguns frangos para as nossas refeições.

OFERTA — O Padre Telmo trouxe um órgão que nos ofereceram.

Muito obrigado!

VISITAS — Recebemos um grupo de jovens, de Leiria, que nos tem ajudado nas Festas. Partilhámos, assim, com eles, muita alegria na tarde de 25 de Abril.

Bruno Filipe

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

Desde Dezembro que não damos qualquer notícia relativa à nossa Associação. Hoje, porém, anunciamos aos estimados leitores e aos nossos queridos associados que estamos a preparar, com o entusiasmo de sempre, o próximo Encontro-Convívio / 91.

Queremos que a «chama» da Amizade e da Solidariedade, que nos ilumina, continue bem acesa e a aquecer os corações de todos, de forma a prosseguirmos, sem desfalecimento, os nossos objectivos.

Como prevêem os Estatutos, reuniremos em 30 de Junho. E o programa, dada a relativa distância, está em fase de elaboração nos pormenores, mas podemos adiantar que, tal como no ano transacto, terá grande abertura e voltar-se-á para um maior convívio entre todos: associados, esposas, filhos e amigos, sem discriminação de idade ou sexo.

Em linhas muito gerais, haverá espaços para divertimento, muito divertimento, e, também, espaços para alguma reflexão e formação humana. Mais adiante, dar-se-ão outros pormenores de interesse, guardando algumas surpresas para o próprio dia.

Que todos os interessados não deixem de vir, começando a programar viagem e participação.

Carlos Manuel Trindade

Cooperativa de Habitação

Nas crónicas que temos mantido n'O GAIATO relativamente à Cooperativa de Habitação, insistimos muito na publicação de recortes de cartas enviadas pelos leitores.

São fontes de água cristalina que nos dão vitalidade, nas quais, já no seu tempo, Pai Américo gostava de beber e saborear.

Esta chegou recentemente:

«A notícia n'O GAIATO sobre o início da construção de 19 fogos no próximo mês de Abril encheu-me de alegria.

À laia de empurrão, infelizmente muito leve, junto 10.000\$00 para saquitos de cimento. É leve em valor, mas pesado em amor — creiam.

Que Deus Pai vos ajude a prosseguir e os leitores de coração e bolsa aberta mantenham a chama viva que vos encoraja até que os gaiatos carenciados vejam a luz acender-se no seu novo lar.

Para todos vós a graça de Deus e muita saúde, são os votos de uma amiga.»

Foram dois anos de muitos obstáculos e algumas noites mal dormidas.

Foram dois anos que nos confirmaram, mais uma vez, que Pai Américo tinha razão quando, naquele tempo, e sempre que precisava de ajuda para o avanço da Obra da Rua, «fugia» das entidades oficiais e recorria às dádivas do povo anónimo.

A burocracia é um tremendo cancro que ainda hoje ataca, mesmo quando se trata de iniciativas de interesse social. São tantos os papéis, exigências e custos que o nosso entusiasmo, por vezes, quebra e só a necessidade urgente de ajudarmos a resolver o problema da habitação a alguns dos nossos irmãos, nos leva a continuar a lutar.

Quando, há cerca de dois anos, o então Presidente do Instituto Nacional de Habitação nos entusiasmou na constituição da Cooperativa, só porque um dos nossos rapazes escreveu ao Instituto pedindo auxílio para construção da sua casa, ficámos convencidos que iríamos ter um apoio válido, tanto burocrático como financeiro. Infelizmente, nem sempre as boas intenções dos homens se concretizam.

Cada dia que passa convencemo-nos mais que as vantagens e facilidades constantemente apregoadas para a habitação social não servem os verdadeiros necessitados. Desde a burocracia dos papéis aos custos do empréstimo, são dificuldades que não estão ao alcance dos portugueses mais pobres.

Seria bom que fôssemos mais

realistas e tratássemos as coisas pelo seu verdadeiro nome. Há que elucidar melhor as pessoas que pretendam empréstimo para construir casa própria. Se fizéssemos assim, deixaríamos de ver, por essas terras de Portugal, muitas casas iniciadas e cujos possíveis proprietários tiveram de abandoná-las porque não foram devidamente elucidados por quanto lhes custaria um empréstimo de 5 ou 6 mil contos.

Voltemos à correspondência dos nossos leitores e suas ofertas:

Renato Silva, Ermesinde, 2.000\$00 e escreve: «Graças a Deus tenho 2 filhos, um com 25 anos e outro 17 e cada um deles já tem casa quando casarem».

Armandina, Porto, 20.000\$00; Maria Fernandes, Braga, 5.000\$00; Anónimo, de Coimbra, 10.000\$00; Maria Helena, Lisboa, 50.000\$00; Maria do Céu, Matosinhos, 50.000\$00; de Caxias, 3.000\$00; Alexandrino e esposa, Póvoa de Varzim, 5.000\$00; Maria José entrega, no Tojal, 10.000\$00; através da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, 627.000\$00; Noémia, de Viseu: «Remeto o cheque de 50.000\$00 para minimizar as vossas dificuldades. Oxalá esteja tudo a correr e se encaminhe para um bom resultado. A todos abraço com amizade».

Que Deus vos pague.

Carlos Gonçalves

Tribuna de Coimbra

Desejamos que o nosso dar contas seja mais que tudo uma acção de graças a Deus, sinete que vem marcado em quase todas as ofertas que nos chegam. Que oração linda os nossos ouvidos escutam e os nossos olhos lêem em quem nos ajuda e procura!

Vamos com o Senhor peregrino a percorrer muitas terras portuguesas onde se têm aberto muitas portas para O receber como Pobre. Esta peregrinação começou no princípio deste ano.

No primeiro dia estiveram muitos ao almoço. O velho Amigo, a Esposa, a Filha e a Confraria da Rainha Santa de que é presidente. Outro, deixou mil; outro, uma dúzia; outro, dez; outro, dois; outro, sete e meio.

No segundo dia veio Amigo vizinho com dez; familiar de sacerdote com vinte; dois, de Leiria; cinco, de Almeirim; e cinco, de Lordemão. Depois, cinco, nos Moinhos, de amigo agarrado à bengala; dez, de casal da capital; três, de Alcorochel; sessenta, de pai e filho; vinte, de José Maria; cem dólares, de um dos nossos no Brasil; cinco, de Tomar; e o mesmo de Coimbra.

Outro nosso, que veio mais duas visitas; alunos de Oliveira do Hospital e casal de Coimbra; vinte, de Figueiró dos Vinhos; a Amiga, de Vilar Formoso; outra, de Setúbal; também de Mem Martins, e de Anadia e Amiga de Aveiro e sacerdote de Celorico da Beira e o bolo da Auto-Industrial; mais Lisboa; Amiga, de Cadaval; vinte, de Amigo sem terra; 42.400\$00 de Lisboa; Amiga, de Condeixa.

RETALHOS DE VIDA

«PIPOCAS»

Chamo-me Hugo Ricardo da Silva Oliveira, o «Pipocas».

Desde muito pequenino fui viver com o meu avô. Andava sempre a portar-me mal, a fazer muitas asneiras. Ele batia-me, nem sempre com razão.

Estou na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, há mais de um ano. Freqüento a quarta-classe da instrução primária e fora das horas da escola pertenço ao grupo da lenha.

Quando for grande vou ser polícia.



Hugo



SETÚBAL

• Estamos no terceiro período escolar e é preciso atender cada rapaz e observar de perto o seu aproveitamento. Necessário é, também, vigiar pelo sono e pelo tempo de estudo.

Dizem os entendidos que nove horas de sono para um adolescente não é demais para que possa viver tranquilo e exigir a si mesmo um mínimo de atenção nas aulas, no trabalho e nos convívios.

É um requisito forte para os rapazes privá-los de ver televisão, um jogo de futebol no domingo à noite. Foi o que aconteceu ontem. Estávamos muito cansados de duas noites de Festa. Era preciso repousar porque hoje recomçavam as aulas para muitos, logo de manhãzinha, e para outros irão terminar muito próximo da meia-noite.

No Ciclo Preparatório estão vinte e três rapazes. Os seus pontos são sempre vistos por mim e assinados como prova de que estou a par do seu aproveitamento. Nem uma negativa e alguns excelentes satisfaz bastante! Para a frente, rapazes! Assim se constrói a felicidade!... A vossa e a minha!

Ainda não me cansei de ser exigente convosco nem me desiludi.

Contava-me o Hélder da sua primeira experiência de tropa (são dez os que agora servem as Forças Armadas): «Ele andam cá tantos aleijadinhos!» O rapaz expressava assim a alegria de se sentir com capacidade acima da média de tantos filhos de família, seus companheiros nas fileiras do Exército. Foi o estudo, o desenvolvimento físico, o trabalho e a profissão

que lhe garantiram o gozo destes sentimentos.

• Ontem bateram-me à porta mais duas grandes aflições motivadas pela casa. «Eu não consigo ganhar para cumprir com a Caixa Geral de Depósitos. Comecei a pagar dezasseis contos e já vou em trinta e três» — desabafava uma senhora doente que vive do seu magro salário.

Quem me dera fazer justiça a tantas injustiças!...

Outra viúva que já viveu desafogadamente, em extrema pobreza pediu auxílio para pagar a sua renda mensal — quarenta contos!

Meu Deus, tanta gente a esbanjar e tanta na penúria!

Ontem, entrei numa casa de óptica e encontrei lá um senhor a comprar o seu quarto par de óculos de sol. Vinha num carro de luxo e

deu noventa e cinco contos por uma armação. Estremeci e apeteceu-me gritar que os óculos lhe tapavam a vista!...

Algo vai muito mal nesta sociedade sem freio.

FESTAS

As nossas Festas têm provocado real admiração nos espectadores. Muita gente chora de alegre emoção ao ver os «Batatinhas» no palco expressando-se com tanta beleza e arte!

No auditório da Anunciada e no sábado passado em Palmela, ao intervalo e no fim da Festa, foram muitas as mulheres e os homens que me abraçaram dizendo: «Os rapazes são verdadeiros profissionais». Eu respondo sempre: — São artis-

tas! E muitos são verdadeiros actores, dançarinos e cantores.

Além da arte emerge a maravilha da Casa do Gaiato que enche totalmente a alma dos nossos Amigos!

ALMADA — 18 de Maio, às 21,30 h, Sociedade Incrível Almadense.

SETÚBAL — 24 de Maio, às 21,30 h, Fórum Luísa Tody.

COVA DA PIEDADE — 25 de Maio, às 21,30 h, Salão Paroquial.

CABANAS — 26 de Maio, às 21,30 h, Sociedade das Cabanas.

CASCAIS — 1 de Junho, às 21,30 h, para crianças; e 21,30 h, no Teatro Gil Vicente.

Padre Acílio

DOCTRINA



Tenho compaixão das turbas
Do EVANGELHO

• Mandei fazer um fato de sobrecasaca, dos quatro metros de pano que alguém me ofereceu, mas logo houve de me arrepender de não ter antes feito batina, porquanto a malta dos gaiatos, nas esquinas e ruas por onde passei com o dito fato, titubeavam em acenos indecisos e duvidosos um «olha que não é ele». Ora eu quero ser sempre eu para o gaiato, em todo o tempo e em todo o lugar, sem erro nem ilusões. E fui mostrar a Lisboa a mestria das tesoiras de Coimbra.

• O gaiato de Lisboa é irmão do de Coimbra e vende jornais. Comprei muitos, não que me importe o que eles dizem, mas sim para armar conversa e namorar os miúdos nas soleiras das portas, noite dentro. Uns sentados a ter mão no sono, às cabeçadas; outros vencidos por ele, fronte nos joelhos, sono solto; outros ainda, mais fracos e mais cansados, estendidos sobre o maço de jornais, iluminados pelo foco da luz pública — às escuras!

• Naquele meu namorar desejei, quis ardentemente uma cama de lençóis lavados para cada um deles; e um prato de sopa muito quente servido pela minha mão; e um ramo de amoras negras colhido nas silvas dos valados sob o sol ardente dos campos; e uma história contada em ar de família, à sombra de pinheiros; e como nada disso lhes pudesse fazer, fui-me deitar apoiado no quiseste-fizeste dos mestres da vida espiritual.

• Ai, que se em vez de Coimbra eu tivesse ido parar a Lisboa, havia de fazer aos arduos o mesmo que eles fazem aos jornais: levava-os debaixo do braço aos montes, para os montes, e deixava a capital deserta de notícias, sem pregão.

O. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

Um grande Jornal, da nossa terra, publicou extensa entrevista do seu correspondente no Rio. Objectivo: os meninos da rua. As letras garrafais denotam preocupação excessiva em pintar de tenebroso o que de mau se passa, como se o Brasil fosse «o inferno das crianças».

Sendo este, de dimensões continentais, com meia dúzia de cidades que superam a população de vários países da Europa, o mal tem as mesmas raízes, tanto lá como cá.

A verdade é que no Brasil, a nível de Governo Central e

de Estado e, sobretudo, como entre nós, de entidades privadas, se procura fazer o melhor. As iniciativas oficiais, porém, dada a índole dos sucessivos Governos, ficam goradas ou esvaziadas de acção, como a extinta Funabem. As particulares, porque mais em cima dos problemas, são persistentes, lutadoras por objectivos e

Varzim, muitos mimos na minha aldeia, vizinha de Godinhela; o Nuno, de Mogadouro; Adriano, de Braga; Amiga, de Arganil; Amiga, de Mira; Amigos, de Cantanhede; Amigos, do Luso.

Castelo Branco apareceu muitas vezes. Miranda do Douro também veio. Amiga de Bom Sucesso deixou o recheio de sua casa e quinhentos e nós apresentámos tudo na patena.

Muitas lembranças da Lousã e casal vizinho com esta quadra:

«Estas dez gotas de Amor
são dadas com alegria
Pelas graças que o Senhor
Nos concede dia-a-dia.»

Que o senhor Deus tenha na Sua Páz este poeta bem cristão. Cheque de Covões, cheque de Soure, oito de promessa, trinta de Santa Clara, cinco de Sertã, presenças da Figueira da Foz.

Todos os embrulhos e envelopes deixados na Casa do Castelo. O ar sempre alegre do Fernando na sua lojinha. O amigo de Carvalhosas, a Corga, o Amigo que manda da Suíça mais 150 francos, Vale de Coselhas, Amigas de Febres, Amiga, da Parede, quinze do aumento da reforma, de Cacém, Amigas, de Cascais, cheque, de Ceira, de Penafiel, de Anobra.

A igreja de S. José mandou 325.981\$00 do domingo tradicional, vinte de Viana do Castelo. Ontem chegou cheque da Amiga de S. Jorge e sacerdote vizinho pôs em minhas mãos duas notas de cinco.

Fechamos a agenda.

Padre Horácio

A propósito

resultados práticos. A Igreja é combativa, sendo bem conhecida a acção da Pastoral do Menor. Mas até as entidades filantrópicas levam grande vantagem em número de obras. Toda a iniciativa privada, desde que reconhecidos oficialmente os seus estatutos, tem o apoio governamental. O mal da questão é que os subsídios, pelo atraso, chegam sempre desfasados, por via da inflação.

A Unicef, ainda recentemente, increpou o Governo da União, porque só 10% das verbas atribuídas à infância atingem o seu objectivo. Mas as Comunidades locais, uma vez solicitadas, sempre respondem.

Vamos atender que, na realidade, como em qualquer lado, a criança da rua não é necessariamente fruto da pobreza marginal. Tendo o Brasil oitenta e cinco milhões de pessoas com graves carências alimentares, deveria ser proporcional o abandono. Não é. Como em Portugal e nos países de língua portuguesa, tem mais a ver com a desagregação da família e aquela com a libertinagem. Sendo tantos milhões a sofrer uma pobreza congénita, não quer dizer que as crianças sejam indesejá-

veis, mas que muitas delas, desde a idade escolar, são levadas a executar, ainda que à margem da lei, pequenos trabalhos mal remunerados; ou sair simplesmente para a rua, procurando um modo de estar que a sua moradia não proporciona.

Como Pai Américo escreveu, «a rua é a pior escola que há no mundo». Pense-se numa cidade como São Paulo, com mais de três milhões de crianças na rua, ou num Rio, com dois. Os centros das grandes cidades tornam-se a escola. Se a maioria vive de pequenos expedientes, há os que são levados à marginalidade, por outros mais velhos, experimentados em roubos e assaltos, até à mão armada, ao passe e consumo de drogas, aliás coisa comum a muitos filhos da classe média e capitalista. Aqui os extremos tocam-se.

Numa revista especializada da Polícia, encontrei, um dia, a história de um menino de doze anos, preso ao fim de seis assassinatos por assalto. Até hoje, estes ficavam a viver em prisões, com outros do mesmo padrão, até à faixa etária dos dezanove anos, de mistura com os de delinquen-

cia menos grave. Se a rua é escola, a prisão é universidade! Como os presos adultos, os menores sempre tentam a fuga e na perseguição a vantagem está na pontaria. Sim, quantos têm sido eliminados!

Conheci um, de treze anos. Nunca passou além do roubo. Preso com criminosos, fugiu. Apareceu morto e jogado no mato ao lado da estrada. A família nem pôde pensar pedir à Polícia que investigasse. Não terá sido esta? Não há determinação, nem sequer reacção da comunidade que encontre eco nas esferas superiores. Sou testemunha deste e de outro caso. Cinco menores, de dezanove anos, fugiram da Comeia, em Brasília. Armados e perigosos, foram sendo abatidos. Só escapou um e nunca mais se ouviu falar dele.

Dizem que o Brasil é um país de violência. A maior violência é, todavia, a fome que não tem lei que a cure, o atraso cultural que não é fácil de recuperar, as condições de habitação e ainda bem pior, no dia de hoje, a amoralização veiculada nos meios de comunicação para todo o lado, da grande cidade à aldeia do índio.

E isto também há em Portugal!

Padre José Maria

PARTILHANDO

• Uma revolta latente à flor da pele. Explosões de ira. Palavrões que saem disparados e cortantes.

Onde a fonte deste descalabro?

Ontem, foi na escola: «Não faço. Não leio. Não me calo».

Um dia, dois gatos bravos, os seus olhos; outros, dois corderinhos sedentos de afagos...

De quem fugirá atirando pedras?

Tem que haver um vulto — fantasma a quem ele quer atingir lá no fundo de suas reminiscências nos longes da sua infância.

Há dias, entrou-me pelo quarto com um calhau na mão...: «Rebento a cabeça àquele filho da p...».

Apeteceu-me dizer-lhe que o vulto-medonho nem a tiro, quando entrou o companheiro da briga.

Mandei-lhes tirar um rebuçado da caixa que eles sabem e os ânimos foram acalmando.

— Adiantavas alguma coisa se tivesses rachado a cabeça do Zé?

— Não.

— Ele estaria agora no hospital e tu a chorar de pena.

Nestes momentos, mesmo concordando, o seu olhar arranha.

De quem fugirá este menino? A quem quererá agredir?

Quando veio para nós era já, no seu sítio, um «capitão da areia». Ele o chefe nas brigas e roubos. O seu lar era comandado por uma irmã de 10 anos. Nem a autoridade benévola dum pai... nem um gesto carinhoso duma mãe...

A ausência de tudo gerou na sua alma o fantasma invisível. Ele quer liquidá-lo a todo o custo.

• Aparecesse agora um coração de pai ou de mãe com tempo disponível e perdão alargado até à lonjura (70x7) do Evangelho... seria uma bela experiência!

Com dor confessamos que, muitas vezes, nos escapa aquele tempo de que o rapaz precisa e, também, por cansaço, a capacidade de perdão.

Hoje, na Missa dominical brincava ele com o companheiro do lado. Fiz-lhe um sinal discreto. Sorriu-me. À Comunhão, lá estava ele com sua simplicidade atrevida. Comungou.

— Afí o tens, Senhor — murmurei. Tu és Senhor do tempo e do perdão e ele é Teu filho.

Pareceu-me ficar aliviado, mas logo reconheci o som a cântaro vazio — pois, se foi o Senhor que mo entregou.

É o caminho da paternidade... Ultrapassar a linha do som... Sentir o estrondo.

Paternidade gerada pelo amor, alma a alma, no lume quotidiano.

Eis:

Entro numa oficina, lá longe. Pergunto por fulano. Ouço a troca de palavras com o dito: «Está ali o teu pai».

O dito olhou e repetiu: «É o meu pai».

Este dito veio para nós aos quatro anos. Foi uma gestação de vinte. Todos os dias amando, assumindo e perdendo — mutuamente, claro.

Na Páscoa escreve-me:

«Bom, que tenho eu para te dizer? Que penso muitas vezes em ti. Penso no quanto seria ótimo se pudesses estar só comigo. Conforto-me em ser mais um dos teus filhos.»

Porém, muito difícil numa paternidade dar bons frutos quando os escombros e espinhos da infância impedem o crescimento do amor filial.

É um sal muito amargo o vermos partir alguns sem preparação para a vida, sem senso e, ainda, revoltados...

Assim acontece a tantos pais de família. Resta só chorar e orar por eles... E, talvez (como aquela mãe a quem os 4 filhos fugiram de casa), todos os dias subir aos quartos para limpar o pó e alisar as camas — na esperança do seu regresso.

Padre Telmo

Dia da Mãe

O Bruno preto, como é conhecido entre nós, ontem caiu do corrimão da escada da casa-mãe. Fez um golpe de certa profundidade, pelo que tive de ir ao hospital com ele.

Era um dia de pouco movimento nas urgências. Dirigi-me à pediatria onde me atenderam.

As lágrimas saltavam-lhe dos olhos fundos, como nascentes. As faces, de «um preto» nobre e delicado, levavam-me longe. E foi o sonho.

Era o Dia da Mãe. Eu tinha celebrado, mas, na Missa, nem sequer me lembrei. Naquela altura eu sonhei. Sonhei com uma mãe longínqua levando às costas o seu menino, fugindo da guerra. Era o Bruno. Pensei onde estaria... O sonho ia longe; tão longe, quanto a espera.

Entretanto, chega a doutora de serviço. O miúdo não se calava. A dor, talvez o medo da seringa...

— Quantos anos tens?

— Não sei...!

Eu puxo do cartão e leio: nascido a 05/05/84.

Era o dia dos seus anos! Era o Dia da Mãe!

A médica de serviço pareceu-me ela também entrar no sonho: «Ó minha coisa fofa!». Foi o enlevo. O tempo parou e as lágrimas do Bruno também.

O desvelo e o carinho tomaram conta da indiferença, do formalismo e do interesse mesquinho.

Era menino que tinha nascido, algures, lá p'ros lados de Lisboa e agora era da Casa do Gaiato de Setúbal.

Era domingo. Era o Dia da Mãe. O Bruno fazia anos.

O golpe não foi cosido porque o amor deu lugar a outra técnica... O sofrimento do Bruno foi menor. O tratamento acabou com um lindo beijo.

Envolto por um mistério inexplicável, dei comigo a pensar no que significaria um desvelo tão singular. Afinal, o Bruno é uma criança como outra qualquer.

Era o Dia da Mãe que o Bruno, julgo, não conheceu.

Aquele beijo, naquele domingo, naquela hora, no Dia da Mãe e dos anos do Bruno, pareceu-me do Céu; divino, cheio de mistério. Cheio daquele mistério, do qual, talvez, nem a senhora doutora se tivesse apercebido, mas que as mães trazem escondido no coração e que, depois de Deus, só elas revelam de modo singular.

Por entre os dentes marfinados do Bruno, por detrás dos seus olhos, cor de pérola, apareceu um lindo sorriso. Foi um pouco da cura do seu golpe e, quem sabe?, de outros já sofridos.

Tudo isto no Dia da Mãe. Era domingo.

Padre João

«As vossas notícias sempre dão um bom empurrão.»

Damo-nos por muito felizes quando a luz que pomos sobre o alqueire alumia e mostra o caminho aos que querem andar. Foi o que aconteceu numa paróquia de ao pé da porta. Primeiro, veio a carta do pároco. Trazia a marca do homem aflito que sofre por aqueles que lhe foram confiados. Ele tem experiência. Na sua comunidade há dezenas de famílias a viver em suas casas, graças ao seu zelo de pastor. É muito querido pelo seu povo. Uma das razões está no seu cuidado pelos Pobres da sua paróquia.

Passei por lá, ao encontro da grande aflição e encontrei o chefe de família que deixou o emprego porque o mal da coluna não o deixava trabalhar na sua arte. Na casa, onde agora vive, não há lugar para o casal e os três filhos. Vivem juntos. É uma necessidade urgente.

Não fosse a dificuldade em arranjar terrenos, a casa em construção havia de ser mais espaçosa e mais digna.

A sensibilidade social das comunidades paroquiais não está educada. Quem dá tem sempre medo de perder. É um trabalho demorado, nem sempre correspondido a curto

Autoconstrução

prazo. Por isso os educadores têm medo e cruzam os braços. Desanimam.

Fazem falta, em cada autarquia, os espaços reservados para a construção de moradias, quando os Autoconstrutores não têm terreno de sua propriedade. É o caso presente.

Num cantinho, com medidas muito apertadas, o trabalhador com o mal na coluna levantou as paredes e pôs os barrote. Daqui e dali foram chegando ajudas. Agora não tem mais. É a hora oportuna para não o deixar baixar os braços.

Os Pobres, que o são de verdade, confiam. O mal está naqueles que podem e não ajudam. Bem queria uma casa maior, com três divisões e quarto de banho, mais a cozinha e um bocadinho de terreno onde pudesse semear hortaliça. Isto devia ser possível nas aldeias, já que nas cidades o cimento é o senhor e não permite espaços para o homem ser mais feliz. Mas, nas aldeias devia ser possível e, muitas vezes, não é.

Nesta época de grandes transformações, em que o homem não ocupa sempre o primeiro lugar, é necessário que esta voz clame que o centro do verdadeiro progresso é o homem.

A ajuda necessária para o acabamento da casa já seguiu e foi recebida. Hei-de passar, de novo, para fazer a fotografia da família e poderdes recolher no vosso regaço as lágrimas de alegria do pároco

e deste lar para vos sentirdes empurrados a fazer um pouco mais nas comunidades onde viveis.

Padre Manuel António

VISTAS DE DENTRO

Continuação da página 1

Se lhes faltasse: o contacto com a natureza; os animais para tratar; a liberdade de poderem correr pelos campos e pela Aldeia; como poderiam estar tão bonitos? Como se haviam de prender?

• O Filipe é um miúdo encantador e muito irrequieto. Veio com o irmão, um pouco mais velho, porque a mãe deixou a casa e foi-se. Um lar desmantelado é uma grande desgraça e fonte de miséria. São tantos!

Há dias, passei por uma freguesia vizinha e a primeira coisa que me disseram foi que mais uma família se desfez porque marido e mulher se desentenderam e ela fugiu. Ficaram os filhos sem a mãe. Como se isto não bastasse, tiveram que deixar a escola por imposição do pai. Desgraça sobre desgraça. E ninguém actuou. As pessoas lamentam, mas ninguém faz. Naquela freguesia há pessoas com auto-

ridade. Entendem que é um campo onde não se devem meter. E o mal alastra, à vontade!

Voltemos ao caso do Filipe. No domingo passado apareceu a mãe acompanhada do marido! Pobre mãe e pobre marido. Quem me veio dar a notícia foi o pequeno. Pensei que na hora da despedida haveria choro. Mas não. Quando passei a cumprimentar os visitantes, o Filipe deixou-os também de cara alegre e braços no ar, ao seu jeito. Faltou-lhes o amor da mãe e não se sente agarrado àquela que o gerou. Mas precisa de quem a substitua para crescer equilibrado.

• Se eu tivesse tempo havia de passar meus dias a acompanhar de perto estes

filhos nos seus afazeres. Mais, nas horas livres estaria com eles para me deixar interrogar sobre tantas coisas que têm para perguntar.

Quando vou, à hora do recreio, pela avenida da nossa Aldeia e desço aos campos a ver os animais, não me falta companhia.

Que pena eu tenho dos pais que não têm tempo para os filhos! Não se pode imaginar o bem que se faz e o mal que se evita com a presença oportuna e discreta.

Porque os nossos andavam por lá e não tinham quem os olhasse com amor, agora são muito sensíveis e querem agarrar-se. Que eu me deixe prender sempre por eles!

Padre Manuel António

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quizena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: **Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo.** Dr. João Evangelista Loureiro; **Calvário,** Padre Baptista; **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida,** Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas,** Padre Telmo Ferraz.

★

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.



Director **Padre Manuel António** — Chefe de Redacção: **Júlio Mendes**
 Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: **Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel**
 Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 4239